

INTERNET E COLETIVOS FEMINISTAS ESTUDANTIS: descobertas, narrativas, tensões ¹

INTERNET AND FEMINIST STUDENT COLLECTIVES: discoveries, narratives, tensions

Rayza Sarmento²
Julia Evelyn Santos³

Resumo: *Este trabalho investiga a forma como a internet colabora para a construção do ativismo e reflexão feministas de mulheres jovens brasileiras. Teoricamente, partimos da discussão contemporânea sobre as renovadas formas de ativismo feminista no plano nacional e internacional e de seu deslocamento dos modos de agências mais clássicas dos movimentos sociais e particularmente do movimento feminista, a partir da construção de coletivos. Conjugamos a esse cenário, as reflexões acerca das práticas digitais de ativismo, fenômeno cada vez mais presente no campo da Comunicação e Política e nos estudos dos movimentos sociais. Nosso trabalho se ancora em entrevistas online com 30 integrantes de nove coletivos de quatro regiões brasileiras, nas quais buscamos entender qual o papel dos discursos, imagens, atrizes presentes no âmbito online para a configuração de suas trajetórias e para seu entendimento sobre os feminismos.*

Palavras-Chave: Internet. Feminismos. Coletivos. Juventude.

Abstract: *This paper investigates the way in which the internet collaborates to the construction of feminist activism and reflection of young Brazilian women. Theoretically, we start from the contemporary discussion about the renewed forms of feminist activism at the national and international level and from their displacement from the more classic agency modes of the social movements and particularly the feminist movement, from the construction of collectives. We also bring reflections on the digital practices of activism, a phenomenon increasingly present in the field of Communication and Politics and in the studies of social movements. Our work is based on online interviews with 30 members of nine collectives from four Brazilian regions, in which we seek to understand the role of the speeches, images, actresses present in the online environment for the configuration of their trajectories and for their understanding of feminisms.*

Keywords: Internet 1. Feminisms. Collectives. Youth.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, gênero e raça da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021. Agradecemos ao CNPq pelo apoio em forma de bolsa de iniciação científica. A pesquisa em tela também é parte do projeto “Internet e trajetórias feministas no Brasil”, aprovado no Edital Universal Fapemig (APQ-02821-18).

² Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do GCODES/CNPq - Grupo de Pesquisa em Gênero, Comunicação, Democracia e Sociedade. Integrante do INCT em Democracia Digital. Contato: rayzasarmento@gmail.com / rayzasarmento.com

³ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista PIBIC/CNPq. Integrante do GCODES. Contato: juliaevelynas@gmail.com

1. Introdução

Novas formas de ativismo têm sido marcantes nos anos recentes. Entre grupos, identidades e reivindicações diferentes, um elemento comum dessa atuação política contemporânea é o uso de redes sociais digitais. Neste texto, buscamos discutir diretamente tal ponto a partir das configurações atuais dos feminismos brasileiros, especialmente nas frentes de atuação das mulheres jovens.

Nosso principal objetivo é discutir como o ambiente online é compreendido por essas atrizes enquanto espaço da luta feminista e, especialmente, qual o papel das redes digitais para o entendimento e descoberta de si mesmas enquanto mulheres feministas. Nossa discussão teórica se ancora nos estudos recentes sobre feminismos, geração e redes sociais, as novas formas de ativismo e a comunicação política. Metodologicamente, a análise se apoia em entrevistas online com 30 mulheres, de nove grupos de feministas autodenominadas como “coletivos”, de quatro regiões do país, com atuação em escolas ou universidades.

2. Os feminismos em coletivo e as redes sociais

Uma ideia menos hierárquica de organização, fluxos do trabalho ativista mais difusos, centralidade dos espaços de reflexão teoricamente orientados e de construção do conhecimento (“grupos de estudos”), afastamento de instituições formais do sistema político. Essas são algumas características das formações auto-denominadas de “coletivos” presentes na literatura nacional e nos discursos que tivemos acesso nesta pesquisa.

Os coletivos têm despontado em todo o país como forma de articulação de diferentes pautas, sobretudo ligadas ao enfrentamento das desigualdade de gênero, raça e sexualidade. Esses grupos encontram solo fértil em espaços estudantis secundaristas e universitários. Embora não sejam exatamente pioneiros nessa forma

de ativismo nem na sua nomeação (Guimarães et. al., 2020)⁴, basta lembrar do Coletivo Nzinga, há algumas características contemporâneas que saltam aos olhos, especialmente no tangente ao uso das redes sociais digitais para organização, mobilização e disseminação da informação.

Perez e Souza (2020) encontraram, a partir do Facebook, 170 páginas de coletivos universitários no país. Ao focarem em experiências do Piauí, afirmam que seus integrantes reforçam a recusa a partidos políticos e demais experiências da política institucional; relatam também, por meio de entrevistas, o feminismo como o principal “tema” dos coletivos. Penteado e Oliveira (2019) também ressaltam a dimensão geracional na composição dos coletivos, o reforço a uma perspectiva não individualista de atuação e o uso da internet. Os autores supramencionados entendem que essas articulações são oriundas dos ciclos de protestos vivenciados nos anos recentes e das candentes discussões sobre ocupação do espaço público.

Guimarães et. al. (2020, p. 312), ao estudarem especificamente os coletivos negros universitários, afirmam que, mesmo com a apregoada auto-organização, esses espaços “apresentam alguns critérios internos para a construção das figuras de referência”, entre elas a “antiguidade na universidade”, “performance da oratória ou a extensão da rede de relacionamentos, ou ainda a maior disponibilidade de tempo”. Eles documentam especialmente rupturas no tangente às lideranças desses grupos, quando comparadas às experiências mais clássicas de organização da sociedade civil ou do próprio movimento estudantil, com maior presença de mulheres e homossexuais, uma diferença com o “perfil cis-heteronormativo das lideranças”. Tal ponto é identificado também por Cerna (2020), ao estudar os coletivos ou coletivas feministas universitárias no México.

Cerna (2020) mapeou, por meio de entrevistas, os repertórios de atuação desses coletivos⁵ e sustenta que a disseminação pelo país responde a três fatores

⁴ Conforme sustentam Guimarães et. al (2020): “Coletivos não são um nome novo, nem estão completamente desligados das formas antigas de organização de lutas sociais. No contexto da redemocratização brasileira é possível localizar um conjunto de grupos políticos auto nomeando-se coletivos, assim como uma grande variedade de entidades que se intitulam coletivos, mas que são parte do movimento sindical ou de partidos políticos” (Guimarães et. al. 2020, p.311)

⁵ A autora menciona as seguintes formas de atuação enquanto repertórios: o protesto público; a construção de tendas de denúncias; escracho; denúncias coletivas em rede; a organização política

principais: “reacción frente a las políticas de género a nivel doméstico, impacto del feminismo global, e influjo de las nuevas tecnologías que favorecen la emergencia del activismo en redes sociales” (p. 143). Entendemos que a “tríade contextual” da autora também se aplica ao caso brasileiro, em que é possível perceber a emergência desses grupos nos últimos anos, sobretudo a partir de junho de 2013, mas principalmente com a crescente onda conservadora que tem na eleição de Jair Bolsonaro (ex-PSL, atualmente sem partido) um componente institucional fundamental. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer a capacidade internacionalista dos feminismos, sobretudo quando observamos os protestos e conquistas recentes em países vizinhos, como a onda verde da Argentina (Gago, 2020).

Em todas as pesquisas mencionadas acima sobre coletivos, o âmbito digital é mencionado de forma contundente, mas o papel da rede nessas configurações permanece subexplorado. Nosso ponto de partida nesta pesquisa recai exatamente nesta relação: como a internet colabora para a organização desses coletivos, sobretudo pensando nas demandas feministas e como as próprias mulheres se descobrem enquanto feministas a partir dos materiais disponíveis nas plataformas online. Essas organizações mais fluidas de mulheres que usam de forma enfática as redes sociais têm um componente geracional importante, não apenas no Brasil, conforme atestam as pesquisas sobre a atuação dos feminismos jovens na América Latina (Larrondo e Ponce, 2019). Eles estão junto da reemergência da ocupação das ruas e demais espaços de participação, incluindo aqueles online, junto do fundamental ativismo das feministas que as precedem.

No Brasil, as jovens feministas são sujeitas políticas que trazem suas pautas com maior força a partir dos anos 2000 e são parte de um dos “campos discursivo de ação feminista”, nos termos de Alvarez (2014), que tem se pluralizado cada vez mais, para além das organizações formais de ação coletiva. Nesse sentido, sustenta Britto da Motta (2004, p. 352), é fundamental pensar nessa diversidade que se expressa etariamente, pois “uma geração é ou se torna aquilo que o jogo de poder permite nas relações com as outras”. No âmbito do ativismo feminista, a presença

dos coletivos e as oferendas alusivas aos feminicídios por ocasião dos Dias dos Mortos, comemoração típica daquele país (Cerna, 2020).

das jovens denunciou as hierarquias dentro dos movimentos mais clássicos e reclamou maiores espaços de participação (Adrião, Tonelli e Maluf, 2011; Gonçalves e Pinto, 2011). A questão das formas de “transmissão intergeracional”, ressaltam Gonçalves e Pinto (2011), é um dos fenômenos que os campos prático e acadêmico dos feminismos brasileiros ainda precisam se dispor a compreender com mais vagar. Novamente, reforçamos o quanto os usos do espaço online, com o qual várias jovens feministas crescem imersas, trazem elementos importantes para compreender esse fenômeno.

Jouet (2018), ao analisar experiências de jovens francesas por meio de entrevistas, discute como a internet foi responsável pelo “revival” do feminismo contemporâneo e encontra três tipos de coletivos (os de interesse geral, os de pautas específicas e os focados em identidades), de forma muito similar com o que é visto no Brasil. A autora aponta para o domínio da tecnologia pelas jovens, ao mesmo tempo que enfatiza a tensa relação entre a necessidade de circulação das pautas feministas e as demandas por visibilidade da sociedade neoliberal, especialmente com um foco muito forte em um ativismo individualizado.

Younger feminists are experts in using the technical and narrative frames of digital media and in developing innovative discourses. Furthermore, on the web, there is no limit for editorial content. The enormous number of feminist materials provided, daily and on an immediate and free access in the cyberspace, appears to be one of the major changes between activism in the seventies and in early 21st century (Jouet, 2018, p. 141)

O estudo de Schuster (2013), em um contexto radicalmente diferente do nosso, a partir de entrevista com 40 mulheres na Nova Zelândia, aponta diferenças nos usos da internet por feministas jovens e mais velhas, especialmente com pouco reconhecimento do ativismo online como parte do *fazer feminista*. Ainda que em um cenário político distinto, essa discussão sobre diferenças intergeracionais também se aproxima às reclamações feitas por militantes históricas brasileiras, de que não é possível esquecer o “passado” (Silva, 2018).

Na mesma linha de entrevistas com meninas de clubes feministas estudantis, Jackson (2018) argumenta que essas construções cotidianas, atravessadas pelos usos dos digitais, precisam ser vistas para além do desengajamento ou apropriação

capitalista de pautas coletivas. Keller (2012) também chama a atenção, ainda que em um contexto de plataformas mercadológicas, para as potências do ativismo digital das jovens, a partir da análise de blogs feministas, especialmente ao tensionarem as discussões e entendimentos sobre estupro e demais violências. A pesquisadora se afirma contrária às pesquisas com “moral panics about girls’ use of the Internet, as well as popular assumptions that position girls as shallow consumers, retreating from public issues through their use of social media” (Keller, 2012, p. 444). Nesse sentido, defende o oposto, que a “participation in blogging communities often allows girls a space to become more engaged in public life” (*idem*). Em plano nacional, o estudo de Martinez (2019) traçou um panorama das articulações feministas a partir de grupos no Facebook, mostrando as diferentes vertentes (liberal, interseccional, negra, marxista, radical etc) e a pluralidade das discussões que se processam nessas plataformas, com forte alimentação das produções acadêmicas.

Entendemos que há uma tensão entre o uso de plataformas comerciais para o ativismo e as formações políticas com miradas emancipatórias, todavia ao observarmos apenas a dimensão política e econômica da arquitetura da rede também estamos deixando de lado importantes formas de atuação social e política. Já discutimos anteriormente como os processos de hackativismo feminista e uso de outras plataformas são fundamentais para entender o ativismo feminista online, mas elas também convivem com as experiências de campanhas virtuais, grupos de solidariedade digital e enfrentamento de violências online que ocorrem mesmo em meio a essas redes de grandes corporações (Sarmiento, 2021). Nesse sentido, basta lembrar de um já amplo conjunto de estudos que mostram como a discussão online sobre determinados temas produz impactos que extrapolam as redes, a exemplo das hashtags #niunaamenos, #primeiroassedio, #primeiroacoso, #metoo, dentre outras (Larrondo e Ponce, 2019; Mendes et. al, 2018; Natansohn e Reis, 2017).

A seguir, apresentamos como se deu o encontro - também online - com as jovens feministas organizadas em coletivos e quais as relações estabelecidas entre suas atuações e as dinâmicas de conteúdo e forma das redes digitais.

3. Os coletivos feministas universitários e as relações online

3.1 Caminhos de pesquisa

Antes de nos voltarmos para a análise substantiva das entrevistas, cabe explicar como se deu o contato com as participantes da pesquisa.

Nosso primeiro movimento foi a busca por páginas no Instagram de grupos que se autointitulassem “coletivos feministas”. Em dezembro de 2020, finalizamos a coleta com 54 páginas de diferentes cidades do país. No levantamento, percebemos que grande parte desses grupos estavam em espaços universitários e não apenas em capitais. Vale lembrar que há coletivos que se organizam em locais de trabalho e mesmo no interior de partidos políticos. Para este texto, focamos nas articulações discentes.

A procura pelo Instagram, aplicativo criado em 2010, se deu em função de ser uma das redes sociais mais utilizadas no mundo (Lemos e Sena, 2018; Slavoinen et. al., 2020), com cerca de um bilhão de usuários mensais. O Brasil é o terceiro país com maior número de usuários, depois de Estados Unidos e Índia⁶. Junto de Martino (2014), entendemos as redes sociais digitais como flexíveis, com grau de dispersão de informação e com estabelecimento de conexão descentralizada entre usuários. Embora tenha sido criada para compartilhamento de fotos pessoais, nos últimos anos o Instagram tem sido apropriado como ferramenta de comunicação política e pública, por instituições formais e por grupos da sociedade civil, bem como pelo mercado, sendo bastante difundido como espaço de vendas. Além de uma galeria de fotos com legendas, possui o recurso de *reels* e *stories* (fotos ou vídeos curtos disponíveis por até 24h, caso não sejam apagados espontaneamente pelo perfil) e recentemente também permitiu indexação de temas por hashtags.

Nosso contato inicial foi feito com as páginas dos coletivos universitários de cidades de pequeno e médio porte que estivessem em atuação, mesmo à distância por conta da pandemia; quando não havia retorno, voltamo-nos também aqueles que atuam em capitais⁷. A escolha por não trabalhar inicialmente com grandes

⁶ Dados disponíveis em: <https://www.statista.com/topics/1882/instagram/>. Acesso em 12.03.21.

⁷ Há apenas duas mulheres de coletivos de grandes cidades na pesquisa - Belo Horizonte e Salvador.

centros urbanos parte de certo incômodo com a literatura de movimentos sociais e sociedade civil muito focada nas capitais, especialmente quando olhamos os estudos brasileiros sobre ativismo digital (Sarmiento e Viana, 2019a; 2019b).

Entrevistamos 30 mulheres em grupo ou de forma individual e apenas duas delas por meio de questionários (em função da indisponibilidade de encontro síncrono) entre outubro e dezembro de 2020. Realizamos também a coleta automatizada de todas as postagens desses coletivos até março de 2021, a fim de documentarmos o conteúdo discursivo produzido por eles⁸. Nossa discussão neste texto, em função do escopo, se apoia apenas nas entrevistas. Essa combinação de analisar os discursos produzidos por elas para um público mais amplo e as suas próprias interpretações acerca do ativismo se inspira nas pesquisas que têm entendido que apenas a análise de conteúdo das redes sociais não é suficiente para a compreensão do ativismo digital, mesmo diante de coletas expressivas em volume de dados (Jouet, 2018; Mendes et. al., 2019). Ouvir as ativistas jovens por meio de entrevistas trouxe aportes diferentes dos que acompanhamos nas suas produções públicas.

Por recomendações expressas do comitê de ética, não informaremos os nomes das participantes, universidades tampouco dos coletivos⁹ em textos públicos para preservar o anonimato, diante de um cenário político conservador em que a agenda de gênero tem se constituído como uma “ameaça” (Biroli et. al, 2020). Mencionaremos as cidades onde os coletivos atuam e as participantes serão indicadas por números. As entrevistas duraram em torno de uma hora, foram realizadas por meio de videoconferência gravada com anuência das participantes e posteriormente transcritas em sua completude. Os termos de consentimento e assentimento (dado que há menores de idade) foram enviados anteriormente em formato digital para as participantes e suas responsáveis legais.

⁸ Expressamos gratidão aqui a João Guilherme Santos, colega do INCT em Democracia Digital, pelo esforço de automatização da coleta de dados.

⁹ Caso seja necessário, essas informações e as transcrições completas das entrevistas podem ser solicitadas para a conferência e checagem a partir do e-mail rayzasarmiento@gmail.com, com o compromisso acadêmico de não exposição das participantes.

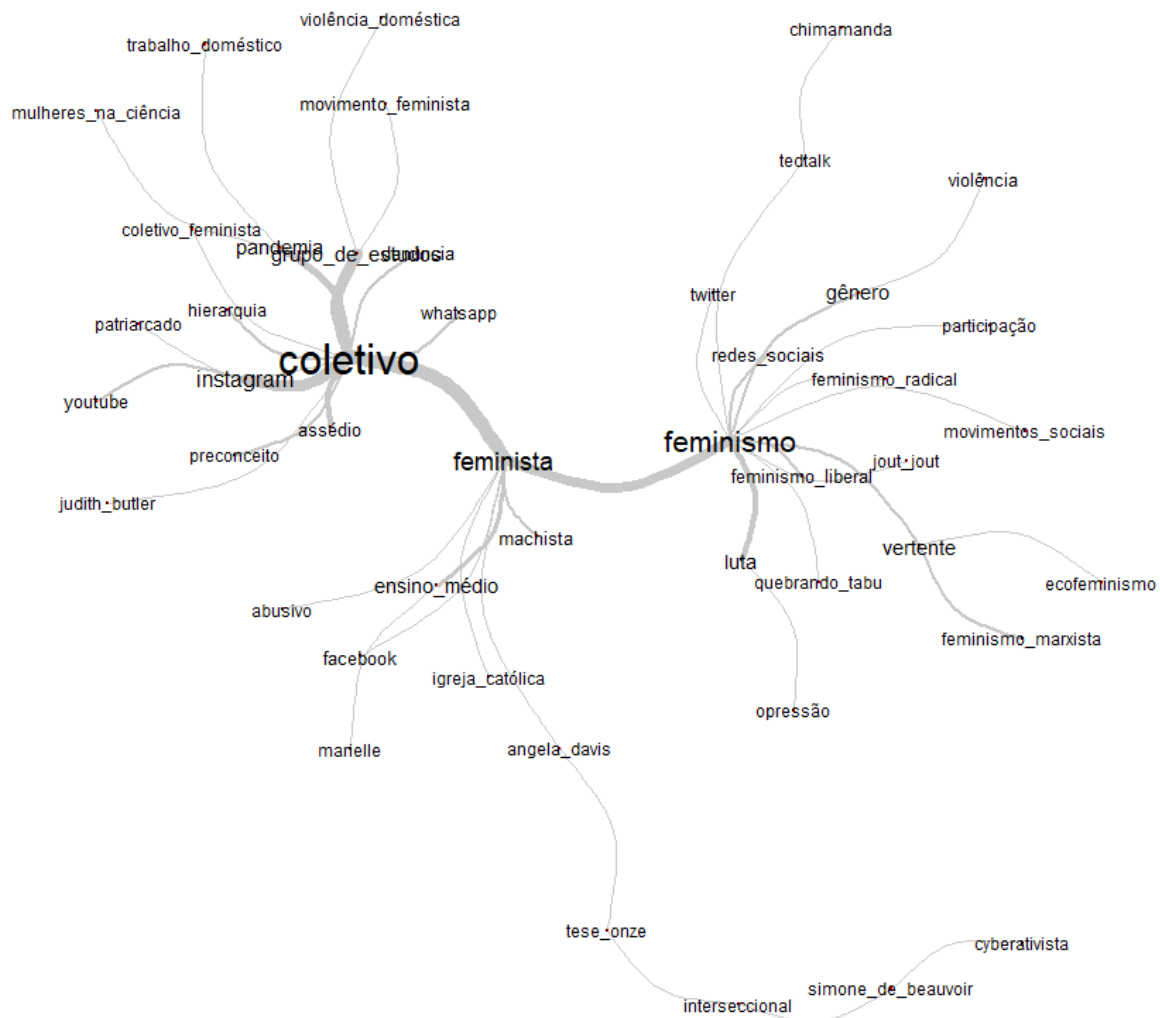
O perfil das entrevistadas é composto de mulheres jovens com 18 anos em média (a amplitude de idades varia entre 15 e 25 anos), de maioria branca, de universidades e escolas públicas e privadas. Nenhuma mulher se declarou transgênero ou deficiente. Deixamos as entrevistadas livres para se classificarem quando desejassem sobre sua sexualidade; como este dado não é constante, preferimos não mencioná-lo nesta breve categorização do perfil das jovens.

As entrevistas foram analisadas de forma qualitativa, a partir de uma ideia de análise do conteúdo discursivo (Mendonça, 2009), em que combinamos organização temática dos tópicos da pesquisa (construção dos coletivos, descoberta do feminismo etc) com as inspirações metodológicas de análise do discurso de perspectiva inglesa (Fairclough, 2001; 2003), a partir do entendimento do discurso enquanto uma prática social, não apenas como representação mas construção da realidade.

Como enunciamos anteriormente, o argumento central parte da centralidade das dinâmicas online para a conformação dos coletivos. É preciso enfatizar que não atribuímos apenas à internet a existência desses espaços, mas a forma como as mulheres se organizaram e suas influências estão diretamente relacionadas ao ambiente digital.

Para fins ilustrativos, abaixo podemos ver a análise de similitude gerada pelo software Iramuteq, a partir de todas as transcrições de entrevistas. Os termos “coletivo”, “feminista” e “feminismo”, como centrais, se ligam a conjuntos de palavras em coocorrência que colaboram para a organização da análise a seguir, em dois momentos. O primeiro deles foca na construção do coletivo, nos acontecimentos motivadores e na forma de organização. Nosso roteiro de entrevistas perguntava direta ou indiretamente para as mulheres o que elas entendiam pela nomenclatura “coletivo” e como chegaram à decisão de batizar desta forma o grupo que integram. No segundo momento, discutiremos mais detidamente as relações entre a internet e a formação desses grupos e de suas ativistas.

Figura 1: Análise de similitude das entrevistas via Iramuteq



Fonte: Dados da pesquisa

3.2 Construção e organização em coletivos

A criação dos coletivos feministas com os quais tivemos contato apresenta motivações semelhantes. É marcante a ocorrência de episódios de assédio e violência nos ambientes estudantis, que levam à necessidade de enfrentamento a partir de uma organização. Esse é um dado que se liga a pesquisas realizadas em outros países da região, a exemplo do que traz Cerna (2020) com as coletivas

mexicanas, entendendo assim como - infelizmente - a violência ainda é uma pauta agregadora das lutas feministas de forma intergeracional. Esses “casos” específicos são pontuados como marcos das primeiras reuniões que levaram à fundação dos coletivos. Os trechos a seguir, de falas de mulheres do Coletivo 8, relatam sobre os momentos em que compreendem a necessidade de se tornarem um grupo:

“(...) aí a gente se reuniu e viu que não tinha nenhum coletivo no campus e a gente sofria muito, por ser uma cidade pequena, a gente ser universitária, a gente ainda tá num curso de exatas, a gente já sofria bastante preconceito e aí a gente pensou ‘mano, a gente não tem um coletivo feminista aqui!’; a gente tem que fazer várias ações, rola assédios, rola preconceito do curso, tem curso de exatas que tem professores machistas.” **(Coletivo 8, Entrevistada 1, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)**

“(...) a gente já recebeu assim denúncia das meninas dos cursos de agrárias, os professores vão com elas pro campo né, pras fazendas experimentais e chega lá os professores falam assim: “ah, você, você e você limpam enquanto o resto da sala assiste aula”. E coincidentemente todas as vezes esse “você, você, você” são mulheres e elas são privadas de assistir à aula porque você tem que limpar lá o que tá acontecendo. A gente tem denúncia também de professor que fala sobre castração em animais e compara com mulheres.” **(Coletivo 8, Entrevistada 2, Dois Vizinhos PR, 11.10.2020)**

A nomeação como “coletivos” pelas entrevistadas se liga com características já mapeadas por Perez e Filho (2017), na busca por pouca ou nenhuma hierarquia, divisão mais equânime de tarefas por meio de diretorias e atenção à rotatividade das integrantes, por conta da própria dinâmica estudantil. No caso das jovens feministas, elas apontam para a construção dos coletivos também a partir da ideia de sororidade.

“Mas a gente optou pelo nome de coletivo, porque eu acho que ele representa mais a sororidade feminina. Às vezes quando a gente fala ‘grupo de estudos’ a mulher não vai se sentir confortável pra ir lá e falar, por exemplo, uma situação de abuso que ela passa em casa, uma situação de assédio que ocorreu na escola. Quando a gente fala ‘ah, eu estou em uma instituição onde existe um coletivo feminista’ parece que a gente abraça as mulheres, sabe? Eu senti que o termo coletivo poderia representar mais a nossa ideia, porque em primeiro lugar a gente queria acolher as mulheres pra depois, sim, passar pra uma questão de estudos, e não o caminho contrário, sabe?” **(Coletivo 3, Entrevistada 2, Varginha - MG, 16.12.2020)**

“(...) a gente atua em várias coisas, desde rede de apoio a canal de denúncia, a fazer outras ações também, a gente atua em tudo junto e eu

acho que é por isso que a gente se considera um coletivo né. Que a gente apoia se age junto.” **(Coletivo 2, Entrevistada 2, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

A atuação conjunta nesses grupos, nos informam os relatos, gera também um senso de pertencimento e fortalecimento dessas mulheres, por dividirem um espaço em comum, com enfrentamentos constantes (como os casos de assédio), mas também pelos aprendizados e tensões a partir das diferenças. Os coletivos, ao nascerem para denunciar situações opressivas, acabam por se tornar espaços também de acolhimento e afeto. Essa afetividade é característica dessa forma de luta, visto que os laços de solidariedade fortalecem a organização pelo reconhecimento e formação das identidades (Perez e Filho, 2017). Elas contam que passam a se sentir mais seguras por compartilharem esse espaço umas com as outras, sabendo que terão esse apoio mútuo nas adversidades daqueles ambientes.

“É uma rede de apoio, a gente conversa muito às vezes como amiga, não só como ‘ah estamos estudando aqui um determinado tema’ ou ‘vamos fazer um determinado tipo de ação’. A gente tem uma rede de afeto, principalmente por ter surgido dessa maneira contra denúncias de assédio, o nosso coletivo se importa muito com criar esses laços entre essas mulheres, não só de maneira política, mas de maneira afetuosa também.” **(Coletivo 2, Entrevistada 3, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

“Porque são professores muito machistas, são falas machistas, fazer parte desse coletivo, pra mim, assim, fez muito bem e fez muito mal também, porque fez muito bem pelo contato que eu tinha com as meninas e por elas confiarem na gente, sabe? Eu me sentia abraçada, ao mesmo tempo que eu tava abraçando elas e tava apoiando elas também, sabe? Mas escutar todos os relatos, ler todos os relatos (...) Então, é, foi uma experiência tensa, mas uma experiência muito boa também, pra minha construção, assim, sabe?” **(Coletivo 3, Entrevistada 1, Varginha - MG, 16.12.2020)**

O relato da entrevistada a seguir, jovem negra que atua em um dos coletivos criados dentro de uma instituição de ensino privada, é bastante ilustrativo sobre esse encontro e suas tensões.

“(...) o coletivo foi muito importante pra mim, por exemplo, pra eu encontrar outras meninas que tinham experiências parecidas com a minha (...) e foi muito importante até na minha, no meu pessoal, assim, de querer ficar na *(cita a instituição)*, porque até antes do coletivo, eu não queria permanecer lá. E aí, eu comecei a entrar em contato com outras meninas, conheci a

história da Lélia*¹⁰ (*cita outra mulher negra*), vi que a gente partilhava de muitas coisas e aí eu comecei a ver mais sentido em habitar um espaço privado, porque pra mim até então era só faculdade pública, enfim. (...) não basta que nós, alunas, acadêmicas, estejamos só conversando de igual pra igual aqui, se o feminismo não for atingir a outras pessoas. (...) se eu tô na (*cita a instituição*) e essa realidade majoritariamente que integra a (*cita a instituição*) elitista não é a minha, e qual é o meu papel ali se eu não for falar dessas coisas? **(Coletivo 5, Entrevistada 2, Campinas - SP, 24.10.2020)**

Muitos destes coletivos começaram a se organizar através de grupo de estudos, que colabora para a sustentação e conhecimento teórico das discussões feministas. Ao mesmo tempo que reconhecem a importância dessa atuação, as mulheres relatam a necessidade de expandirem as ações para além da discussão acadêmica.

“(...) a gente foi crescendo e sentindo uma necessidade de desvincular, de ser somente um grupo de estudos pra realmente ser um coletivo e abarcar outras situações que muitas vezes acabam acontecendo de desamparo de mulheres dentro da [cita a universidade], alguns casos que a gente ficava sabendo e não nunca ia em nada né. A gente queria tá ali presente pra todas as mulheres, não só pra estudar, mas a gente continua estudando, mas pra outras ocasiões também que um grupo de estudos não abarcaria, não daria conta se a gente só ficasse ali vinculada a relações internacionais e somente a estudar. **(Coletivo 5, Entrevistada 5, Campinas - SP, 24.10.2020)**

Essa necessidade “sair dos muros da universidade” dialoga também com a atual pluralização dos feminismos, nos termos de Alvarez (2014). As jovens reconhecem, marcam, tensionam as diferenças entre elas, falam abertamente de seus privilégios e demonstram, como ficará mais evidente a seguir, o quanto o feminismo no singular tem sido superado.

“Nosso objetivo é a realização de ações que fortaleçam a nossa luta, como reuniões internas e externas, a criação de um espaço de acolhimento, o enfrentamento de políticas e projetos de sociedade que relembram a mulher a imagem da qual há anos tenta se desvencilhar, o resgate do significado de um feminismo político e de sua história, entre outras coisas. (...) Apesar do Coletivo atrair pessoas que estão atreladas ao ambiente universitário, acreditamos que é necessário a popularização do conhecimento, isto é, tentamos trazer o debate feminista para além do contexto acadêmico,

¹⁰ Nome fictício

compreendendo que o feminismo não é exclusividade de instituições ou pessoas com escolaridades determinadas, estando o coletivo receptivo a toda comunidade” (**Coletivo 6, Entrevistada 1, Jataí - GO, 28.10.2020**)

Partiremos a seguir para uma análise mais focada nas relações entre os ativismos das jovens reunidas nesses coletivos com as redes sociais digitais.

3.3 Implicações das dinâmicas online

Uma primeira dimensão sobre a forma como as jovens feministas organizadas em coletivos estudantis se relacionam com a internet está voltada para o consumo de conteúdo feminista em diferentes plataformas online. O fator geracional aqui é bastante evidente, sobretudo por terem experimentado boa parte da infância e adolescência já atravessadas pela existência das redes sociais digitais. Como já mencionado, a média de idade das entrevistadas é de 18 anos, o que ajuda a compreender essa imersão e influência. Na experiência da jovem a seguir vemos como a inserção nas redes sociais ajudou a nomear algumas de suas inquietações - “não tinha conhecido o nome do feminismo ainda”. As plataformas Twitter, Facebook e Youtube foram as mais recorrentes nas falas das entrevistadas.

“No meu caso eu tive o privilégio de começar a conhecer um pouquinho de questões sociais um pouco cedo porque eu participava de um grupo que chama (*suprimido*) que é de jovens que fazem trabalho social e aí eu comecei a atinar pra algumas questões, só que também é um grupo em alguns aspectos um pouco conservador, eu atinei pra questões sociais, mas não tinha conhecido o nome do feminismo ainda né e a partir disso quando eu tinha uns 14 anos através das redes sociais, principalmente o Twitter que eu comecei a né, conhecer gente que pensava igual a mim, daí fiz amizade com algumas meninas mais velhas também, começaram a me falar um pouco sobre as vertentes, mas o primeiro contato assim foi com um feminismo mainstream assim das redes sociais” (**Coletivo 2, Entrevistada 2, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020**)

Com a entrevistada 1 (Coletivo 3), a internet contribuiu especialmente por vir de um contexto familiar que considera conservador, sem “muita ajuda dentro de casa”. A ativista cita o acesso facilitado (ainda que com desigualdades) pelas redes online.

“Olha, na minha vida, eu acho que foi um processo, porque dentro da minha casa, na minha família, eu vivo num contexto bem conservador, tanto que é bem complicado pra mim, porque as coisas que eu escolhi seguir, que eu sou assim, de mim mesma, fica bem difícil, né, criar esse convívio, assim, com a minha família. Então foi mais um processo meu, exclusivamente meu mesmo, porque não teve muita ajuda dentro de casa e tal, mas eu comecei a perceber quando eu via que mulheres não tinham os mesmos direitos que homens, também lugares iguais, situações iguais. E aí eu comecei a me questionar bastante sobre essas coisas e comecei a pesquisar mais e ler mais e aí foi se tornando um processo cada vez maior, sabe? Ao decorrer de que eu lia mais sobre, que eu via mais pessoas falando sobre na internet, por isso que eu acho que é muito importante a gente falar sobre isso na internet, porque tem muitas meninas que quando eu tinha a minha idade, também estão se questionando hoje em dia sobre essas coisas, sabe? E achar isso na internet de uma forma mais fácil, eu acho que facilita o processo delas também, sabe. O que às vezes pode ser até bem exclusivo, porque não são todas as meninas no Brasil que têm acesso a internet, né? Mas, isso é uma questão pra se pensar também”. **(Coletivo 3, Entrevistada 1, Varginha - MG, 16.12.2020)**

A busca ativa por informações e o entendimento de sensações e experiências compartilhadas que as entrevistadas relatam ao encontrar conteúdos feministas na internet dialoga com achados de Mendes et. al. (2018, p.239) para quem essas descobertas são ainda mais fortes “for girls and women who may not be familiar with feminism as a personal and political imperative”. De forma similar, a entrevistada abaixo, aos 19 anos, foi uma das que mais se identificaram com esse processo.

“(…) eu, basicamente, cresci na internet. Então, todo o meu conhecimento vem da internet, eu não tinha ninguém na minha família para falar (…). A gente começou a mexer nos sites muito cedo, tipo 8, 9 anos, mas eu sempre tive essa, é, sim, eu sempre tive essa noção de tipo justiça. Eu achava muito errado, eu consegui perceber desde cedo que tinha um tratamento diferente de menina e menino. E eu não conseguia botar o nome nisso, mas isso me incomodava demais da conta, (…). Mas então, eu cresci na internet e eu tinha conta de fã no Twitter. (…). Mas você acaba tropeçando em várias outras coisas. E aí foi aí que eu comecei a conseguir dar um nome ao que eu sentia desse problema de desigualdade, tanto igual as outras meninas, o meu primeiro contato foi o feminismo liberal. (…) eu lembro a primeira vez que eu consegui colocar um nome no feminismo, foi quando eu tava tipo vendo uma Ted Talk com doze anos (…) eu não tenho certeza, mas a da Chimamanda Ted Talk do livro dela, que ela tem Como criar crianças feministas, um negócio assim, era mais ou menos isso, não tenho certeza. Aí eu colocar um nome no sentimento, nessas ideias, foi

principalmente por isso. **(Coletivo 5, Entrevistada 8, Campinas - SP, 24.10.2020)**

Das meninas que constroem o coletivo em Jataí (GO), a discussão veio a partir do machismo que envolve os jogos online, junto da participação em grupos de Facebook. Em sua fala, a jovem a seguir traz uma experiência comum em todas as entrevistas: *“o despertar de que você não está sozinha”*.

“Sempre fui alguém que jogava muito online e, infelizmente, a realidade para meninas no meio “gamer” não é muito convidativa, contudo, acabei encontrando mulheres que passavam pelas mesmas coisas que eu no mesmo meio, através, principalmente, de grupos no Facebook, e desde então essas uniões sempre foram muito importantes para mim. Com o passar dos anos, e principalmente agora, a internet tem sido um forte veículo de comunicação, que atinge muitas camadas da sociedade, até mesmo pela facilidade de compartilhamento de mensagens, como o Whatsapp, Twitter e Instagram. Então sim, a internet foi fundamental para que houvesse o despertar de que você não está sozinha, que você não está maluca, que você faz parte de um sistema que permite que isso aconteça e que existe todo um movimento de luta contra essa realidade enfrentada pelas mulheres” **(Coletivo 6, Entrevistada 1, Jataí - GO, 28.10.2020)**

Em todos os coletivos entrevistados, houve mulheres que citaram a sua compreensão ou chegada ao feminismo a partir de perfis de pessoas públicas ou célebres. Esse é um ponto muito importante para a compreensão da popularização do feminismo (Banet Weiser, 2018), que ainda segue pouco explorado nos estudos de gênero nacionais. Assim como em outras dimensões do ativismo político, as celebridades trazem elementos importantes para o entendimento sobre como uma pauta e uma estética política passam a ser disseminadas.

Quadro 1: Celebridades e páginas citadas pelas entrevistadas.

Canais no Youtube ou páginas no Instagram vinculadas a pessoas específicas	Alexandrismos, Ana Roxo, Ellora Haonne, Jout Jout, Kéfera, Lela Brandão, Louie Ponto, Luiza Junqueira, Nátaly Neri, Teze Onze.
--	--

Site e páginas no instagram ou facebook	Não me Kahlo, Politize!, QG Feminista, Quebrando o Tabu.
Atrizes	Emma Watson, Miley Cyrus.

Fonte: Dados da pesquisa

No cenário midiático brasileiro, as celebridades têm sido com frequência convocadas para emitir opiniões sobre reivindicações acerca dos direitos das mulheres, têm suas opiniões pessoais disponíveis em suas redes reproduzidas em outros espaços e também são alvos de ataques (Sarmiento, 2020; Prado, Monteiro e Sarmiento, 2020). Poucas meninas se referiram a lideranças da luta coletiva ou movimento feminista histórico brasileiro; por outro lado, Youtubers e páginas de redes sociais atravessaram todos os depoimentos. Essa é uma questão importante que carece de maiores reflexões, especialmente para compreender como as jovens dialogam com as conquistas históricas do movimento.

Embora sejam acusadas de despolitização das pautas ou apenas de uso estratégico, essas figuras públicas acabam por ter uma influência não superficial na vida de várias meninas e mulheres. Uma das mulheres conta como a youtuber Jout Jout colaborou para que ela pensasse “fora da caixinha” e isso lhe ajudasse na compreensão da própria sexualidade.

“A minha questão da descoberta veio muito de o que eu sentia, sabe? Tanto dentro de casa, eu sou a única filha mulher (...) E aí, vinha aquele incômodo, aquele desconforto, eu falava, gente, mas não é possível que só eu que tô achando isso errado, não é possível que ninguém entende que não é normal tratar a mulher com devido respeito, que não é normal dar a devida credibilidade. E por conta disso, eu também busquei na internet, foi o YouTube, né, na época que o YouTube tava sendo uma explosão de acessos. Eu me lembro que eu pesquisei bastante a questão da Jout Jout, eu acho as reflexões dela muito fora da caixinha, me identifico muito, muito. E aí foi um paralelo de entender o meu desconforto e consegui buscar mais questões. E aí junto a essa descoberta, eu percebi muitas coisas que eu acreditava nem faziam tanto sentido. Então foi realmente uma explosão dentro da minha cabeça, foi onde também eu consegui até questionar a parte da minha sexualidade e foi onde eu entendi que a maneira como eu era criada, não era a maneira com que eu realmente me identificava. E a partir do momento que eu entrei no movimento feminista, eu me senti mais eu. E aí eu me senti mais, sabe, como se o conhecimento sobre essa pauta

me desse poder pra me afirmar quem eu sou, porque eu sou e porque eu preciso lutar pra que outras mulheres também tenham esse momento de explosão. Então, foi assim, revolucionário” (**Coletivo 3, Entrevistada 2, Varginha - MG, 16.12.2020**)

Os debates sobre corpo e aceitação também foram mencionados pelas entrevistadas quando se reportavam a canais e influencers da internet. A entrevistada 1 relata que essas páginas colaboraram para sua “libertação pessoal”. No entanto, seu relato a seguir já aponta para outra característica muito presente nas entrevistas, a permanente autocrítica e reflexão sobre esses caminhos de descobertas.

“Eu lembro, mas com muita vergonha. Mas na época, eu lembro que eu via muita coisa da Alexandrismos, principalmente, porque eu sempre fui gorda e aí eu sofria muito em relação, tipo era mais uma opressão né, além de ser mulher, era uma mulher gorda. E aí eu acho que ela me influenciava muito pra, tipo, pra essa libertação pessoal, né. Eu lembro que eu vi um povo na época, a Ellora também, que hoje é tipo, muito vergoninha, né, mas ela também falava bastante disso de, tipo, empoderamento do corpo, liberdade, etc, ela com o corpo magro dela lá, forçando as banha mas tudo bem. E aí eu acho que era basicamente isso. Toda essa galera, a Luiza Junqueira”. (**Coletivo 5, Entrevistada 1, Campinas - SP, 24.10.2020**)

Essa reflexão crítica se coloca de forma ainda mais evidente quando as entrevistadas discutem as vertentes do feminismo com as quais se identificam. Várias delas abordam como a porta de entrada foi um feminismo mais liberal e bastante individualista e como aos poucos as perspectivas foram se complexificando. É bastante revelador a naturalidade como as jovens falam de vertentes ou tendências dos feminismos, novamente tratando-os em sua pluralidade. Elas mencionam grupos e páginas com esses debates, que alimentaram os grupos de estudos que realizam nos coletivos a que pertencem e citando também as teóricas e textos com os quais mantiveram contato. Esse achado se liga ao que já foi encontrado com os grupos feministas no Facebook por Martinez (2019).

Nesse sentido, optamos por trechos mais longos das entrevistas a seguir, dado que é notável como as mulheres rememoram suas “chegadas” ao feminismo

de forma reflexiva. Chama a atenção as idades e momentos da vida com marcação escolar (“foi no ensino médio”) em que elas se entendem como feministas

“Eu acho que feminismo liberal ele é o primeiro que a gente tem contato né, quando você é mais nova e tals, as grandes páginas, Quebrando Tabu, etc e tal, abordam muito esse feminismo, então é um grande chamariz pro feminismo mas quando mais se você vai estudando você vê algumas, pelo menos eu enxerguei algumas incoerências e eu fui me aproximando mais do feminismo marxista e radical, então eu tô mais nesses dois lados”.
(Coletivo 4, Entrevistada 2, Guarulhos - SP, 08.11.2020)

“E aí eu acho que foi mais o ensino médio, principalmente no segundo pro terceiro ano que eu comecei a desenvolver mais essa vontade de estudar sobre isso, mas eu lembro que foi bem tipo, meu contato com feminismo foi aquele bem comum, de tipo, de meninas brancas, que é o feminismo liberal, tipo, começar com essa consciência de, aí, meu corpo, minhas regras, não sei o que. E eu lembro que na época eu tinha uma professora que é, ela é até bem influente, não sei se vocês conhecem um canal que chama *Mundo Segundo Ana Roxo*, ele é bem conhecidinho. E daí, no caso, a Simone¹¹, que era a minha professora, era esposa da Ana. E aí ela é uma mulher lésbica né, e ela tinha muito aprofundamento no feminismo radical. Então, ela foi fundamental pra que eu saísse desse panorama individual pra pensar no feminismo que chega em todas as mulheres. Então, eu lembro, tipo, de várias patadas que eu recebia de tipo, a gente precisa de creche, pra que as mulheres consigam se estabelecer com a vida dela e não que você compre blusinha escrito GirlPower que foi feita por mulheres em condição de semi escravidão. E aí eu lembro que eu tomei tipo, vários tapão na cara desse e foi principalmente no terceiro ano, que aí eu comecei a tipo, ir pra outras leituras. Eu lembro que na época eu lia (...) esse negócio de tipo, empoderamento, não empoderamento da Joice Berth, um empoderamento tipo, se empodere e aí eu saí pra essa literatura da Simone, da Angela Davis, tipo, uma coisa que tem mais a ver com o pensamento que eu tava lapidando. E daí quando eu cheguei na faculdade, eu já estava mais ou menos nesse caminho, mas ainda assim, tipo, hoje me observando no início do ano passado, eu percebo que eu ainda sentia comportamentos que hoje eu olho e falaria, nossa, pelo amor de Deus que que isso, sabe?” **(Coletivo 5, Entrevistada 1, Campinas - SP, 24.10.2020)**

“O meu despertar foi quando eu tava no primeiro ano do ensino médio, tinha quinze anos, na verdade eu acho que eu tinha catorze ainda. E eu recebi uma proposta de redação, que era pra gente falar sobre a objetificação de mulheres dentro de comerciais de cerveja. E eu nunca tinha parado pra perceber isso. E quando, eu lembro que era um professor homem ainda que

¹¹ Nome fictício.

tinha passado, e isso foi o mais chocante. Ele passou slides assim, de tipo, propagandas visuais, imagens, que eu fiquei horrorizada, eu falei, nossa senhora, que que isso? E, tipo, eu tava naquela transição de pré-adolescente pra tomar uma consciência crítica e eu nunca tinha percebido aquilo, o quanto aquilo era ofensivo e como aquilo tava me machucando. E foi a partir disso que eu comecei a pesquisar um pouco mais, aí eu comecei a ler aqueles livrinhos, sabe aqueles livrinhos pequenininho da Chimamanda, foi os primeiros livros que eu li, que são bem curtinhos e bem básicos. E aí como a *nome de outra colega do grupo*] falou, eu tive a princípio essa concepção do feminismo individual, o feminismo que, né, servia pra mim, de tipo eu brigar com meu pai se eu queria andar short curto, porque era o meu corpo e eu fazia o que eu quisesse.” **(Coletivo 5, Entrevistada 5, Campinas - SP, 24.10.2020)**

Por fim, especialmente por termos acessado os coletivos a partir de suas páginas no Instagram, cabe pontuar a preocupação das jovens dos coletivos feministas estudantis com a disseminação da informação. A página tem tido protagonismo na forma com que o coletivo é encontrado por outras mulheres. Elas pontuam que se trata de um espaço para disponibilização de materiais, para oferta de outras compreensões acerca de um assunto já normalizado (o caso da maternidade citado a seguir), bem como o tratam como um espaço “fácil de divulgar”. O coletivo de Salvador afirma que as meninas chegaram a partir da página. As mulheres também pontuam a necessidade de ir além de uma linguagem acadêmica na construção desses espaços.

“A página surgiu assim que surgiu o coletivo porque a gente via como principal desafio dentro do campus a desinformação e a gente achava que era muito importante que essa informação não tivesse restrita né, ali ao nosso ciclo de debate, até porque a informação restrita ao ciclo de debate a pessoa precisa ir lá pra escutar e descobrir o que é. E a informação estando em mídia social é muito mais fácil de divulgar, igual a gente colocava nos stories né, de nós mesmas, pedia pras professoras colocarem porque involuntariamente as pessoas iam chegando a essa informação mesmo sem estar procurando ela né” **(Coletivo 8, Entrevistada 2, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)**

“Acho que o nosso maior objetivo é realmente trazer a informação, sabe? Que isso vire uma pauta. Então uma coisa que a gente fez bastante durante

esse ano, como tava online, era sei lá, tipo, dia das mães, foi super pesado que a gente pegou o dia das mães, fez um texto sobre maternidade compulsória. Então a gente, tipo, sempre tenta escolher temas que muitas vezes as pessoas não tiveram acesso, não refletiram ainda, pra trazer com o objetivo de informar mesmo. Então, acho que é basicamente isso né. A gente tem planos de estimular que, de tipo, grupos com outras professoras, pessoas que não fazem parte da liderança também consigam produzir conteúdo, mas acho que até então, o principal objetivo é informar e trazer esse conteúdo pro ambiente que a gente vive, que até então era 100% despolitizado em relação a pautas femininas, de gênero, né?” **(Coletivo 5, Entrevistada 1, Campinas - SP, 24.10.2020)**

“Nosso perfil no Instagram tem funcionado como um veículo de divulgação e articulação com outras organizações e projetos sociais. Apesar do Coletivo atrair pessoas que estão atreladas ao ambiente universitário, acreditamos que é necessário a popularização do conhecimento, isto é, tentamos trazer o debate feminista para além do contexto acadêmico, compreendendo que o feminismo não é exclusividade de instituições ou pessoas com escolaridades determinadas, estando o Coletivo receptivo a toda comunidade. Assim, fazemos com que esse espaço de acolhimento e de formação chegue até as pessoas interessadas na criação de redes e de solidariedade política. Nosso conteúdo é organizado através de moderadoras voluntárias e com cargos rotativos, ou seja, as voluntárias podem sair desse núcleo quando julgarem necessário. Produzimos imagens contendo divulgações de nossos eventos externos, como discussões e cine debates, e algumas reunimos o que foi discutido no dia para publicar um pequeno resumo”. **(Coletivo 6, Entrevistada 1, Jataí - GO, 28.10.2020)**

As redes sociais também se tornaram espaço de denúncias. No Paraná, as mulheres relataram a procura para denúncia de um caso de estupro envolvendo uma aluna da universidade.

“(…) e aí chegou pra gente uma denúncia assim de uma menina falando, falou comigo: (nome suprimido), vocês acolhem denúncia de abuso, de assédio né, no coletivo? Eu falei: sim, porque? Ai ela me falou de um caso, nossa um caso muito horrível que aconteceu entre estudantes da faculdade né, que uma menina ela tava dormindo num carro de um amigo dela e um outro cara, esse amigo do amigo pegou o carro e levou ela pro meio de uma plantação e quis estuprar ela e assim, essa menina ela tinha postado isso nas redes sociais e tudo mais e aí a gente fez o aconselhamento, a gente falou olha, não posta isso, pode dar um problema judicial pra você, abre o B.O. primeiro, depois você se comporta dessa maneira né, se precisar, se

vocês quiserem ajuda a gente consegue dentro do campus né, abrir um processo administrativo e tudo mais, acabou que a menina não quis levar pra frente a questão do processo porque ela não queria fazer o B.O., mas a gente recebe muita denúncia por conta disso também, das redes sociais.”
(Coletivo 8, Entrevistada 1, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)

A partir desses relatos, entendemos que é necessário discutir o ativismo digital feminista para além de sua face visível nas plataformas. Buscamos com a compreensão das intenções e as descobertas dessas jovens mulheres colaborar para o aprofundamento dos debates que têm na geração uma categoria importante para a compreensão dos feminismos junto da inegável relevância da internet nessa conformação ativista. É possível perceber que há uma série de limites nos ativismos dos coletivos, seu distanciamento das questões político-partidárias, como já aponta Olívia Perez, pode ser perigoso nos dias atuais. A única mulher política mencionada pelas entrevistadas, a partir de seu assassinato, é Mariele Franco. Nesse sentido, é importante lançar olhares mais críticos e menos “virtuosos” para essas articulações (Perez e Souza, 2020), o que procuraremos desenvolver em textos futuros.

4. Considerações finais

Este texto integra uma pesquisa ampliada que busca entender o papel político da internet para as trajetórias de jovens feministas. Empiricamente, realizamos 30 entrevistas em profundidade com mulheres de nove coletivos de quatro regiões do país, a fim de compreender como se deu a estruturação e organização dos coletivos, bem como entender como a formação de suas concepções e pautas feministas ocorreu a partir do contato com os conteúdos digitais. Partimos também da revisão teórica de vários estudos nacionais e internacionais preocupados com o ativismo digital feminista e, especialmente, com o crescente protagonismo das mulheres jovens.

Mesmo realizadas em um contexto social e politicamente difícil, em função da vivência de uma pandemia, a possibilidade de ouvir as mulheres dos coletivos foi

fundamental para a compreensão de suas práticas políticas e das tensões que as rodeiam. Entendemos que os estudos em comunicação e política devem investir mais nessa abordagem de coleta de dados para além dos conteúdos disponíveis nas diferentes mídias.

Nesse sentido, nossos achados revelam os episódios motivadores, as relações de afeto e confiança que atravessam os coletivos, bem como conseguem mostrar a influência da internet na conformação da trajetória das jovens ativistas, vide a menção a diferentes páginas, figuras públicas e debates que elas têm contato em função do acesso facilitado pelas redes online.

Entendemos que este é um veio importante de pesquisa, conforme já anunciaram Gonçalves e Pinto (2011), para entender o convívio intergeracional dos feminismos, as diferenças entre as jovens e as mais antigas e quais os limites e potencialidades do uso da internet para o ativismo e para a construção pessoal enquanto uma mulher feminista.

Referências bibliográficas

- ADRIÃO, K; TONELI, M. J. ; MALUF, S. (2011). O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, 661-682.
- ALVAREZ, S. (2014). Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, 43, 13-56.
- BANET-WEISER, S. (2018). **Empowered. Popular feminism and popular misogyny**. Durham : Duke University Press.
- BIROLI, Flavia et. al. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**. SP: Boitempo, 2020.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, idades e gerações. **Caderno CRH**, v. 17, n. 42, 2004.
- CERNA, Daniela. Activismo feminista en las universidades mexicanas: la impronta política de las colectivas de estudiantes ante la violencia contra las mujeres. **Revista de la educación superior**, v. 49, n. 194, p. 137-157, 2020.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. Textual analysis for social research. NY: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. SP: Elefante, 2020.
- GONÇALVES, E; PINTO, H P. (2011). Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro. **Cadernos Pagu**, 36, 25-46.

- GUIMARÃES, Antonio. et. al. Coletivos negros e novas identidades raciais. **Novos estudos CEBRAP**, SP, v.39.n.2, 309-327, 2020
- JACKSON, Sue. Young feminists, feminism and digital media. **Feminism & Psychology**, 2018, Vol. 28(1) 32–49
- JOUET, Josiane. Digital feminism: questioning the renewal of activism. **Journal of Research in Gender Studies** 8 (1), 2018. pp. 133–157.
- KELLER, Jessalynn. Virtual feminisms, **Information, Communication & Society**, 2012, 15:3, 429-447.
- LARRONDO, Marina; PONCE, Camila. **Activismos feministas jóvenes: Emergencias, actrices y luchas en América Latina**, Clacso, 2019
- LEMONS, André; DE SENA, Catarina. Mais livre publicar: efemeridade da imagem nos modos galeria e stories do Instagram. **Mídia Cotidiano [Internet]**, p. 6-26, 2018.
- MARTINEZ, F. (2019). Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, n. 56, 1-34.
- MENDES, K et. al. (2019). **Digital Feminist Activism**. Girls and women fight back against rape culture. Oxford Press.
- MARTINO, Luis Mauro. **Teorias das mídias Digitais**. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, Vozes: 2014.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Reconhecimento e Deliberação**: as lutas das pessoas atingidas pela hanseníase em diferentes âmbitos interacionais. 2009. 369 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.
- REIS, J. ; NATANSOHN, G. (2017). Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a Primavera Feminista brasileira. **Tríade**, 113-130.
- PENTEADO, Claudio; OLIVEIRA, Marília. Autodenominação "Coletivo": o que essa escolha pode nos informar. **19º Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2019, p.1-23.
- PEREZ, Olivia; SOUZA, Bruno. Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e217820, 2020, p.1-19
- PEREZ, O; SILVA FILHO, A. (2017). Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. **Latitude**, 11, 255-294.
- PEREZ, O. (2019). Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, 25, 258-256.
- PRADO, Denise; MONTEIRO, Livia; SARMENTO, Rayza. Anitta, #elenão e as cobranças por representatividade e coerência. **Revista Tropos**, 2020.
- RIOS, F; MACIEL, R. (2018). Feminismo negro em três tempos. **Labrys**, 1-18
- SARMENTO, Rayza; VIANA, Lara. **Relatório de pesquisa** com bolsa de iniciação científica Fapemig do projeto "Velhos, novos e novíssimos?: ativismo digital no interior de Minas Gerais", Departamento de Ciências Sociais, UFV, 2019a.
- SARMENTO, Rayza; VIANA, Lara. A pesquisa brasileira sobre ativismo político online: mapeamento de publicações em periódicos das áreas de Ciência Política e Comunicação (2000 a 2017). **Anais do 8 Congresso da Compolítica**, Brasília, 2019b.
- SARMENTO, Rayza. **Ativismo feminista digital**: mapeando eixos de atuação, 2021 (no prelo).

- SARMENTO, Rayza. Feministas e famosas: notas sobre o sujeito do feminismo a partir de personalidades públicas brasileiras. In: FRANÇA, Vera et. al. **Celebridades no século XXI**. Selo PPGCOM, UFMG, 2020.
- SCHUSTER, Julia. Invisible feminists? Social media and young women's political participation, **Political Science**, 2013, 65:1, 8-24
- SILVA, C. (2018) Feminismo negro - de onde viemos: aproximações de uma memória. In: HOLLANDA, H. **Explosão feminista** – arte, cultura, política e universidade. SP. Cia. Das Letras, 2018.
- SAVOLAINEN et. al, Laura. Filtering feminisms: Emergent feminist visibilities on Instagram. **New Media & Society**. p. 1–23 , 2020